

**Então, de onde vem a força que os faz continuar correndo?
Condições diaspóricas e rostidades olímpicas
em *Chariots of fire*, de Hugh Hudson**

So where does the strength to keep running come from? Diasporic conditions and Olympic facialities in Hugh Hudson's Chariots of fire

Jorge Alves Santana

Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia / Brasil

jorgeufg@bol.com.br

Resumo: Em 1917, o Barão Pierre de Coubertin sintetiza, em seus escritos doutrinários, que uma das finalidades mais nobres do Olimpismo “é, por excelência, a glorificação da juventude”.¹ Em 1924, Paris sedia a VIII Olimpíada dos tempos modernos, na qual o lema “Citius, Altius, Fortius” continua a oscilar entre a vontade individual da vitória e as articulações pragmáticas dos países em busca de vitórias coletivas e colaborativas. Neste breve estudo, dado o seu quadro inicial, acompanharemos a já clássica narrativa fílmica *Chariots of fire* (*Carruagens de fogo* – 1981), de Hugh Hudson, no que ela nos oferece da caracterização da delegação britânica, presente nos Jogos Olímpicos de 1924. Esse grupo de jovens atletas, bem como suas equipes de apoio, é representado de modo tensionado em sua formação multicultural, com ênfase nos substratos marcados por dois atletas diaspóricos: o “Escocês Voador” e o judeu filho de um financista de Londres. Refletiremos, pois, sobre essas duas linhas de força político-cultural, entre outras, responsáveis pela conformação da tradição e da rostidade dialética de uma nacionalidade heterogênea e contraditória que terá presença constante e vitoriosa em vários Jogos Olímpicos modernos.

Palavras-chave: *Carruagens de Fogo*; Jogos Olímpicos; tradição nacional; diáspora.

¹ COUBERTIN. *Olimpicos* – seleção de textos, p. 742.

Abstract: In 1917, Baron Pierre de Coubertin states in his doctrinal writings, that one of the noblest goals of Olympics “is by excellence, the glorification of youth”.² In 1924, Paris hosted the 8th Olympic Games of modern times, in which the motto “Citius, Altius, Fortius” oscillated between the individual will of victory and the pragmatic joints of countries in search of collective and collaborative victories. In this brief study, given its initial framework, we will address the now classic film narrative *Chariots of fire* (1981), by Hugh Hudson, as it conveys the characterization of the English Delegation in the 1924 Olympic Games. A tense multicultural background distinguishes this group of young athletes, as well as their support teams, with emphasis on substrates marked by two diasporic athletes, the “Flying Scotsman” and the son of a London-based Jewish banker. We reflect on these two lines of political and cultural strength that, among other factors, account for both the conformity to tradition and the dialectic faciality of a heterogeneous and contradictory nationality, which has had constant and successful presence in several modern Olympic Games.

Keywords: *Chariots of fire*; Olympic Games; national tradition; diaspora.

Recebido em: 31 de agosto de 2016.

Aprovado em: 21 de dezembro de 2016.

Há boas razões para se tratar as práticas esportivas como um espaço relativamente autônomo, mas não se deve esquecer que esse espaço é o lugar de forças que não se aplicam só a ele.³

Nada parece mais antigo e ligado a um passado imemorial do que a pompa que cerca a realeza britânica em quaisquer cerimônias públicas de que ela participe.⁴

– O esporte é indispensável à educação de um inglês. Ele modela o caráter. Ele é indispensável. Reforça a coragem, a honestidade e a liderança. Mas, acima de tudo, proporciona grande lealdade, companheirismo e sentimento de grupo. Você não concorda?

– Sim, senhor. Concordo.⁵

² COUBERTIN. *Olímpicos* – seleção de textos, p. 742, tradução minha.

³ BOURDIEU. Programa para uma sociologia do esporte, p. 210.

⁴ HOBBSAWM. A invenção das tradições, p. 9.

⁵ CHARRIOTS of fire/ Carruagens de fogo.

Introdução

Refletimos, neste breve estudo, sobre as estratégias de construção da identidade britânica, heterogênea e pretensamente cooperativa e dialógica, nos jogos da VIII Olimpíada, ocorridos em Paris, no ano de 1924. Nosso material discursivo é o filme *Chariots of fire / Carruagens de fogo*, produção inglesa de 1981, dirigida por Hugh Hudson; filme amplamente conhecido pelo público internacional como uma produção artística que consegue expressar e representar alguns modos de engenharia social, política e cultural dos Jogos Olímpicos de nossa era moderna e contemporânea.

Acompanharemos o encontro tensionado de atletas de várias culturas, no compósito tecido social britânico, que conforma provisoriamente uma nacionalidade específica, com a finalidade de disputar as medalhas desses jogos internacionais. O objetivo mais evidente de tal encontro seria o de se atingir as condições e situações paradigmáticas do lema “Citius, Altius, Fortius” (Mais rápido, Mais alto, Mais forte).

De acordo com os princípios olímpicos sistematizados, consolidados e difundidos pelo Barão Pierre de Coubertin (1863-1937),⁶

⁶ O Barão Pierre de Coubertin foi um dos mais importantes pensadores/propedeutas/ativistas que instauraram os Jogos Olímpicos em nossa era moderna. Seu propósito básico era o de valorizar as práticas esportivas nas grades curriculares dos programas educacionais oficiais de países ocidentais. Sua preocupação pedagógica produziu estudos básicos que colocaram a educação de adolescentes e jovens no campo internacional. Assim, suas reflexões, pesquisas e ações sistemáticas baseiam o olimpismo moderno e contemporâneo. Do princípio da “mente sã, corpo sã” até os valores da fortaleza psicofísica dos atletas, Coubertin encaminha-se para a consolidação de valores, práticas e legislações dos jogos, sob a perspectiva de certo espírito grupal, colaborativo e respeitoso, como bem exemplifica o *leitmotiv* do *fair play*, que nos chama a atenção como regra básica de convivência esportiva e política relativamente dialogada e negociada. Mais que preocupar-se com equipes esportivas olímpicas em sua composição intrínseca, Coubertin encaminha seu olhar também para as relações entre as nações envolvidas, com sua variedade cultural, em tais jogos já globalizados. Nesse ponto, mesmo não sendo nosso foco neste artigo detalhar os estudos desse pioneiro, aspectos da igualdade e diferença de condições políticas, psicofísicas e socioculturais são-nos importantes. Para Coubertin, em certa fase de suas reflexões: “A dos exercícios desportivos não produz igualdade de condições, mas igualdade de relações, e é provável que neste assunto a forma seja mais importante que no fundo.

entre outras reflexões, o filme em questão será ativado pelo dilema contemporâneo que surge do embate entre as ações individuais, movidas por questões culturais neoliberais, e pelas ações coletivas, movidas por questões do trabalho em equipe e, sobretudo, pelo respeito ao *fair play*, que traz certa conciliação e espírito integrativo para as disputas atléticas, e para outras relações sociais que disso decorrem dessa ideia, como o espírito da coexistência fraternal em âmbito mundial.

Desse modo, trataremos de algumas sequências fílmicas exemplares para discutirmos sobre a suposta construção dialética da rostidade da equipe olímpica britânica. Não nos ateremos, no entanto, aos ditames de uma análise de cunho predominantemente intrínseco, pois nossa perspectiva é aquela dos Estudos Culturais, que valorizam o produto artístico enredado no campo de culturas múltiplas e heterogêneas, tanto nas bases de sua enunciação produtiva quanto naquela das possíveis recepções. Basicamente, atentaremos para os movimentos de construção dos entrelugares entre o individualismo liberal e a rede cooperativa historicamente multicultural; e, por fim, para como essa sociedade singular cria condições para se autocriticar, via paródia, diante da necessidade de legitimação e de perpetuação de seu *socius* olímpico.⁷

Depois de tudo, quem se atreveria a garantir que a igualdade de condições produz a paz social? Nada mais incerto que isso. Não acontece o mesmo com o igualitarismo das relações. Cabe afirmar que, numa democracia, esse igualitarismo é um dos mais úteis.” (COUBERTIN. *Olimpicos* – seleção de textos, p. 204). Detemo-nos, aqui, basicamente nessa questão entre a igualdade de condições e a de relações. A presente coleção de escritos de Coubertin, feita pela PUC-RS em pleno ano de nossa olimpíada brasileira, é instigante e esclarecedora de várias temáticas que configuram nossos jogos olímpicos contemporâneos. Nosso trabalho não explora as engenharias teórico/práticas do autor. No entanto, mesmo que de modo enviesado, é um material que lastreia, dialeticamente, nossa hipótese de análise.

⁷ Sobre os conceitos de *socius*, campo e *habitus*, acompanhamos as reflexões de Pierre Bourdieu, quando ele nos fala das posições e disposições que os agentes sociais utilizam para a produção, reprodução e distribuição de seus capitais de várias naturezas, como os simbólicos, financeiros e outros. Quanto ao campo do esporte e a questão do *habitus* e dos interesses desse lugar social, bem como no que diz respeito a outros campos de produção e reprodução social, “[a] sociologia postula que há uma razão para os agentes fazerem o que fazem (no sentido em que falamos de razão de uma série), razão que se deve descobrir para transformar uma série de condutas aparentemente incoerentes, arbitrarias, em uma série coerente, em algo que se possa compreender a partir de um princípio único ou de um

A rostidade olímpica da nação

Carruagens de fogo inicia sua diegese anacrônica pouco tempo antes dos Jogos Olímpicos de Paris, em 1924. Sua primeira sequência⁸ nos imerge nos treinamentos de corrida feitos pela equipe britânica, que já está formada. Jovens atletas correm animadamente na orla oceânica oeste da ilha. Após tal exercício coletivo, o grupo se dirige a um hotel para o descanso merecido e para a continuação sistemática de novos exercícios.

Em uma prolepse temporal, imediatamente somos levados a uma igreja, na qual um dos atletas que fazia parte daquele grupo inicial, já envelhecido e com ar enobrecido e solene, faz uma louvação coletiva aos seus colegas daquela época. Vejamos sua louvação:

Vamos saudar homens famosos que nossos pais geraram. Todos esses homens foram honrados em suas gerações e foram a glória de sua época. Aqui estamos hoje para agradecer pela vida e para saudar o mito. Agora restam nós dois, o jovem Aubrey e eu. Nós podemos fechar

conjunto coerente de princípios. Nesse sentido, a sociologia postula que os agentes sociais não realizam atos gratuitos”, nos ensina o sociólogo (BOURDIEU. *Razões práticas*: sobre a teoria da ação, p. 138). Quanto à especificidade do campo do esporte, Bourdieu nos esclarece ainda: “Num dado momento, um esporte é um pouco como uma obra musical: uma partitura (uma regra do jogo, etc.), mas também interpretações concorrentes (e todo um conjunto de interpretações do passado sedimentado); e é com tudo isso que cada novo intérprete se defronta, mais inconsciente do que conscientemente, quando propõe ‘sua’ interpretação. Seria preciso analisar, nessa lógica, os ‘retornos’ (a Kant, aos instrumentos de época, ao boxe francês, etc.). Eu dizia que o sentido dominante pode mudar. De fato, principalmente porque ele se define por oposição a esse sentido dominante, um novo tipo de prática esportiva pode ser construído com elementos do programa dominante de prática esportiva que estavam em estado virtual, implícito ou recalcado (por exemplo, toda a violência que estava excluída de um esporte por imposição do *fair play*).” (BOURDIEU. Programa para uma sociologia do esporte, p. 215).

⁸ Por “sequência filmica”, acompanhando o trabalho de Vanoye e Goliot-Lété (*Ensaio sobre a análise filmica*), entendemos o fato como uma unidade de sentido, que apresenta início, meio e fim, e que compõe a organicidade da narrativa filmica. No entanto, nosso estudo não se guiará pela ótica meramente estruturalista que tal perspectiva sugere, pois pretendemos abordar aspectos da enunciação, no plano de emissão e, sobretudo, das variadas recepções possíveis, que vão ao encontro dos Estudos Culturais.

nossos olhos e recordar aqueles jovens homens. Tenhamos esperanças em nossos corações e asas em nossos pés.⁹

A sequência seguinte nos leva a um dos salões de esportes do hotel, no qual aquela primeira equipe treinava, agora, no jogo de *cricket*. No treino somos apresentados a um grupo animado de jovens atletas ingleses e, nesse grupo, merece destaque o inglês judeu Harold Abrahams (Ben Cross). Esse personagem de origem e formação judaica, em evidência na diegese fílmica, será constantemente colocado no campo das negociações culturais com os demais colegas de culturas diferentes e, ao mesmo tempo, complementares. No meio dos amigos oficialmente britânicos, Abrahams percebe que um dos colegas burlara as regras do jogo, quando a bola sai do campo demarcado, e a ação infratora não é reprimida pelo juiz. O rapaz insiste no cumprimento da regra, mesmo percebendo que os colegas dão risadas marotas e sabendo que o juiz não fará a devida justiça. Por fim, ele também sorri e insere-se na dinâmica aparentemente descontraída daqueles jovens que representarão a sociedade britânica na Olimpíada de Paris.

Dessa sequência inicial, já partimos para a organicidade maior da narrativa que nos contará a estória dos esforços psicossociais desse garoto judeu, dos esforços pessoais e coletivos de outro esportista, o pastor escocês Eric Liddell (Ian Charleson), e, por fim, de outro singularizado colega de equipe, que é o nobre Lord Andrew Lindsay (Nigel Havers); atletas, pois, que marcarão a formação multicultural dessa equipe, cuja base geopolítica é a Universidade de Cambridge. Essas três formações identitárias exemplificam a constituição variada, heterogênea e, mesmo assim, conexas do que temos como a rostidade¹⁰ de uma equipe olímpica

⁹ CHARRIOTS of fire / Carruagens de fogo.

¹⁰ Para tratar da rostidade, seguimos as teorizações de Gilles Deleuze e Félix Guattari. Nesse quadro, tal conceito se aproxima daquele de identidade, sem, no entanto, essencializar esse fenômeno de subjetivações humanas. Para os autores, a identidade aproxima-se mais de um fenômeno constantemente em progresso, através de situações heterogêneas que não se excluem. Vejamos alguns desdobramentos dessa reflexão sobre rostidade, rostificação e desrostificação: “O rosto é inumano no homem, desde o início; ele é por natureza close, com suas superfícies brancas inanimadas, seus buracos negros brilhantes, seu vazio e seu tédio. *Rosto-bunker*. A tal ponto que, se o homem tem um destino, esse será mais o de escapar ao rosto, desfazer o rosto e as rostificações, tornar-se imperceptível, tornar-se clandestino, não por um retorno à animalidade, nem mesmo

que marcará e ainda continua marcando de modo contemporâneo sua presença nos lugares mais altos para a recepção das cobiçadas medalhas olímpicas.

Abrahams, Liddell e Lord Lindsay serão usados como modelos singulares, supostamente no *leitmotiv* da dialética crítica, de possibilidades culturais capazes de mobilizarem nossa perspectiva sobre os princípios, crenças e, comportamentos pragmáticos que nossa comunidade mundial poderia escolher no campo das representações dos Jogos Olímpicos. Nesse panorama, no entanto, pensamos que o quadro cultural expresso/representado pelo atleta judeu permanecerá em um nível de incompreensão e até mesmo de intolerância no decorrer e na conclusão dessa narrativa que tanto encantou e continua a encantar os variados povos de nossa aldeia global.

Abrahams, filho de um judeu da elite financeira de Londres, pretende conquistar um lugar social como agente ativo de seu destino e daquele da cultura de seu povo judeu, mesmo que já hibridizado com a cultura hegemônica britânica. Correrá, portanto, só aparentemente por objetivo egoico. Seu alvo maior é a produção de dispositivos de poder que lhe permitirão, e à cultura de seu povo de base, novas condições de negociações políticas e sociais com a sociedade que ainda lhes é adversa. Liddell, o “voador” pastor escocês, correrá para demonstrar a espontaneidade e a graça que seu deus teria depositado em seu corpo. Seu alvo maior seria demonstrar que a graça divina deve ser entendida, aceita e dinamizada no altruísmo de ações colaborativas; ou seja, seu dom esportivo teria a função de consolidar o credo religioso no qual está inserido. Lord Lindsay, por sua vez, correrá de modo supostamente hedonista. Sua preocupação não será a de ser o primeiro da competição, como se percebe nos dois casos anteriores, mas a de plenificar a alegria de poder estar entre os primeiros, quase na dinâmica de se acreditar que o mais importante é poder fazer parte da competição. No entanto, esse

pelos retornos à cabeça, mas por devires-animais muito espirituais e muito especiais, por estranhos devires que certamente ultrapassarão o muro e sairão dos buracos negros, que farão com que os próprios traços de rostidade se subtraíam enfim à organização do rosto, não se deixem mais subsumir pelo rosto, sardas que escoam no horizonte, cabelos levados pelo vento, olhos que atravessamos ao invés de nos vermos neles, ou ao invés de olhá-los no morno face a face das subjetividades significantes.” (DELEUZE; GUATTARI. Ano zero: rostidade, p. 32-33).

inglês “típico” também nos demonstrará que certa rostidade da sociedade britânica ainda envia sua mensagem, um tanto polêmica em relação a um dos valores sociopolíticos mais caros dessa sociedade, que é a crença na meritocracia individual.

Essa narrativa filmica segue uma estruturação em núcleos de ação bastante esquemáticos para comprovar o que seria quase uma tese sobre a ética dos atletas nessas competições de âmbito nacional e, sobretudo, internacional. Teremos o atleta judeu colocado em uma série recorrente de convicções e de dúvidas em relação ao seu projeto de vitória. Através de seu foro íntimo, acompanhamos seus esforços por consolidar suas crenças. Ou seja, percebendo que é visto como minoria *non grata* nos grupos de alunos de Cambridge, imediatamente ativa a estratégia de ser selecionado para a equipe olímpica dessa universidade e da equipe britânica. Contratará um treinador particular para potencializar sua força física na prova de corrida. Apesar de as regras dos Jogos Olímpicos dessa época valorizarem a ação esportiva amadora e espontânea, como se pode seguir nas sistemáticas preocupações de Pierre de Coubertin,¹¹ esse rapaz judeu percebe, no entanto, em seus objetivos de negociação político-cultural, que a própria ambiência de tais jogos está se encaminhando para aquela rigorosa preparação técnica, que vemos triunfar em nossa época.

Em contrapartida, Liddell, mesmo pertencendo à sociedade escocesa, com suas históricas distensões políticas na *Commonwealth*, levará seu projeto na densa atmosfera religiosa que resgataria o lugar social e político de sua comunidade perante o governo britânico e o mundo. Seu plano, porém, não é explícito quanto a esse programa político. Alicerça-se mais, ao menos de modo direto, nos princípios de doutrinação religiosa. Assim, seu campo egoico e individual é suavizado no decorrer da narrativa. Tal fato se acentua, quando extradiegeticamente compreendemos que ele morrerá em uma ação missionária na china, na época da Segunda Guerra Mundial.¹²

O projeto de Lord Lindsay, quase que de modo subliminar, demonstrará que certos segmentos da sociedade britânica ainda apostam na ideia de que comportamentos civilizados, dignos,

¹¹ COUBERTIN, Pierre. *Olimpícos* – seleção de textos.

¹² O roteiro desse filme é baseado em fatos históricos. No entanto, toma liberdades em relação a datas, fatos e desdobramentos, sem que isso altere a mensagem propedêutica e artística que pretende transmitir.

enobrecidos e que asseguram as relações justas entre povos diferentes, pragmaticamente devem passar pela tolerância, pela equanimidade perante a multiculturalidade da qual se fez, e se faz, o espírito imperial britânico. Seus treinamentos, mesmo que também de caráter individualizado e técnico, não comprometeriam o princípio da suposta espontaneidade que tais jogos de fraternidade e igualdade entre os povos exigiria.

Ancorados na majestosa trilha sonora do grego Vangelis (Evângelos Odysseás Papathanassiú), presente, por exemplo, nas provas eliminatórias nas quais o Escocês Voador demonstra vigor físico grandioso em relação aos demais concorrentes, ficamos, como espectadores, persuadidos a tomar partido de algum desses projetos de atletismo e de espírito olímpico. Ou, então, somos chamados a considerar que a junção dos três projetos termina por ser necessária para a formação de um povo tido tradicionalmente como receptivo e encorajador da construção de seu tecido social em bases históricas e dialogicamente multiculturais.

A sequência inicial da narrativa filmica, no entanto, faz-nos questionar a equanimidade do projeto de sociedade justa e democrática em que esse produto cultural nos quer fazer acreditar. Parece-nos que, no decorrer e ao final dessa narrativa, continuamos a nos perguntar sobre as consequências da subserviência político-cultural com que atletas diversificados culturalmente, e tantos outros agentes sociais, insertos/incertos na sociedade britânica, são forçados a responder de modo predominantemente adequacionista, nesse campo da ação esportiva nacionalizada.

O entrelugar do individualismo liberal e da rede cooperativa multicultural

Para otimizar sua performance esportiva para a prova de corrida olímpica, Harold Abrahams busca de modo estratégico o auxílio técnico do treinador Sam Mussabini, de origem ítalo-árabe. A comunidade de Cambridge, de início, não saberá disso. Vejamos como o jovem judeu-inglês se apresenta a esse treinador:

– Eu corro depressa. E com sua ajuda eu posso correr mais depressa ainda. Talvez mais depressa do que qualquer um já correu. Eu quero a medalha olímpica. Eu já posso vê-la a minha espera. Mas eu não posso buscá-la sozinho.

– Bom, há um ditado em nossa profissão, filho. Não se aproveita o que Deus rejeita. Deixe isso comigo. Eu vou vê-lo, observá-lo e ver se posso ajudá-lo.¹³

Sam Mussabini, cuja cartografia psicossocial não é aprofundada pelo roteiro, coloca o jovem em situação de prova, alertando-o para um suposto comportamento individualista e vaidoso, no sentido de procurar, por iniciativa própria, um profissional que o auxiliasse. Para o velho treinador, o atleta genuíno deve ser observado e escolhido pelo especialista do esporte. No entanto, após esse aconselhamento de contensão de ânimos, aceita treinar o jovem. Esse jovem aceita os termos do acordo, como se vê mais adiante na narrativa fílmica. Isso pode expressar um dos acontecimentos mais nevrálgicos da trama, que é o encontro entre duas formações discursivas diferentes, a judia e a ítalo-árabe, que juntarão esforços para construir um lugar social relevante no campo dos esportes e no campo da produção pragmaticamente dialética da sociedade britânica que se percebe como politicamente multicultural. Essa hipótese parte do pressuposto de que o cenário esportivo britânico é elitizado em sua distribuição de direitos e privilégios, em sua rede social heterogênea. Esse acordo entre atleta e treinador de culturas diferentes, que realmente trabalharão juntos para atingirem seus objetivos desportivos e políticos, demonstraria como pode ocorrer uma relação psicossocial em condições adversas.

Esses esforços, no entanto, são descobertos pela direção de Cambridge, que imediatamente convoca o jovem atleta para uma tensa oitiva sobre o caso e para a deslegitimação de tal projeto. O Master de Trinity (John Gielgud) e o Master de Caius (Lindsay Anderson) tentarão consertar/concertar o que consideram ser a quebra antiética do comportamento daquele impertinente aluno, que busca auxílio técnico, indo de encontro à ideia da espontaneidade e do amadorismo dos Jogos Olímpicos. Os dois gestores tradicionais fazem isso indicando-lhe claramente sua origem depreciada, o campo financeiro judaico de Londres, apesar do reconhecido capital financeiro de sua família. Observemos a síntese desse encontro:

¹³ CHARRIOTS of fire / Carruagens de fogo.

- O esporte é indispensável à educação de um inglês. Ele modela o caráter. Ele é indispensável. Reforça a coragem, a honestidade e a liderança. Mas, acima de tudo, proporciona grande lealdade, companheirismo e sentimento de grupo. Você não concorda?
- Sim, senhor. Concordo.¹⁴

Abrahams, de início, responde, pois, de modo submisso à admoestação e ao julgamento dos superiores de uma das mais tradicionais universidades britânicas e do mundo. Parece ter consciência clara de sua condição diaspórica,¹⁵ sua condição judaica perante a necessidade de hibridização com as culturas que montam o corpo político-social britânico, que lhe exige posicionamentos firmes e combativos diante de novas cartografias de coexistência. Se o jovem deseja realmente fazer parte da equipe olímpica britânica, parece que encena a necessária adequação ao *status quo* que a instituição lhe impõe. No entanto, finaliza o encontro enfrentando as regras de etiqueta da universidade e afirmando que os tempos são outros e as tradições só continuam vivas quando se dinamizam com valores construídos pelo presente e de modo dialético e crítico perante novas necessidades.

¹⁴ CHARRIOTS of fire / Carruagens de fogo.

¹⁵ O atleta judeu-inglês insere-se no contexto histórico da diáspora judaica. Em várias sequências desse filme acompanhamos situações que explicitam essa condição de diferença étnica, seja em relação aos colegas escolares, aos amigos temporários e, de modo sistemático, com relação à namorada inglesa que lhe funciona como ponto e contraponto dialógico de suas preocupações psicossociais. Acompanhamos tal reflexão, a da diáspora, nos estudos de Stuart Hall, que tratam da diáspora tanto em sentido restrito, de movimento de migração forçada dos judeus através da história, quanto no sentido lato, o da mobilidade forçada de qualquer povo em contexto de violências variadas. Para Hall: “Na situação da diáspora, as identidades se tornam múltiplas. Junto com os elos que as ligam a uma ilha de origem específica, há outras forças centrípetas. Esta é a sensação familiar e profundamente moderna de deslocamento, a qual – parece cada vez mais – não precisamos viajar muito longe para experimentar. Talvez todos nós sejamos, nos tempos modernos – após a Queda, digamos – o que o filósofo Heidegger chamou de *unheimlichkeit* – literalmente, ‘não estamos em casa’” (HALL. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*, p. 27).

Por aqui, detemo-nos na ideia do que possa ser esse basilar fenômeno cultural e político, que é a tradição.¹⁶ Sobre ele, pensamos com Eric Hobsbawn, pertinente tanto em relação ao contexto britânico, quanto aos contextos de outras nacionalidades:

Nada parece mais antigo e ligado a um passado imemorial do que a pompa que cerca a realeza britânica em quaisquer cerimônias públicas de que ela participe. Todavia, [...] este aparato, em sua forma atual, data dos séculos XIX e XX. Muitas vezes, “tradições” que parecem ou são consideradas antigas são bastante recentes, quando não são inventadas. [...] O termo “tradição inventada” é utilizado num sentido amplo, mas nunca indefinido. Inclui tanto as “tradições” realmente inventadas, construídas e formalmente institucionalizadas, quanto as que surgiram de maneira mais difícil de localizar num período limitado e determinado de tempo – às vezes coisa de poucos anos apenas – e se estabeleceram com enorme rapidez. A transmissão radiofônica real realizada no Natal na Grã-Bretanha (instituída em 1932) é um exemplo do primeiro caso; como exemplo do segundo, podemos citar o aparecimento e evolução das práticas associadas à final do campeonato britânico de futebol. É óbvio que nem todas essas tradições perduram; nosso objetivo primordial, porém, não é estudar suas chances de sobrevivência, mas sim o modo como elas surgiram e se estabeleceram.¹⁷

Dessa forma, temos as tradições que firmam certa unidade do tecido social, bem como aquelas condições de admissão a comunidades reais ou artificiais. Temos aquelas tradições que legitimam as formações políticas institucionalizadas, bem como as relações entre população e

¹⁶ Também seguimos, de modo assistemático, as reflexões desenvolvidas sobre os procedimentos político-culturais com os quais se imagina/inventa historicamente a nação e as variáveis e invariáveis do fenômeno da nacionalidade, baseadas no espectro de tradições hegemônicas e daquelas tidas como excêntricas, em Benedict Anderson (Cf. ANDERSON. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*; ANDERSON. *Nação e consciência nacional*).

¹⁷ HOBBSAWM. *A invenção das tradições*, p. 9.

autoridades; por fim, aquelas tradições encarregadas dos processos de socializações advindos do *habitus*.¹⁸

Pelo depositório das tradições britânicas, e supostamente olímpicas, de Cambridge, observamos que a ordem ética deprecia o jovem atleta judeu-inglês. Ele estaria infringindo as leis do suposto bom comportamento da instituição e do país. Sua postura seria semelhante àquela de seus antepassados judeus, estereotipados pelas ações de mercadores vorazes que se achavam capazes de financeirizar qualquer contexto de coexistência. Um pretense lugar social é, pois, atualizado de modo arbitrário e excludente.

Soma-se a essa exclusão política, o fato de o treinador também ser um estrangeiro com propósitos que poderiam parecer estranhos ao *establishment* da potente *Commonwealth*. Dessa forma, o roteiro desse filme oferece-nos elementos para problematizarmos a mensagem final, a da democracia britânica que seria tolerante com contribuições culturais alheias, no contexto peculiar das Olimpíadas.

Quanto ao projeto olímpico de Eric Liddell temos uma contextualização bem diferenciada. Como já mencionamos, apesar de sua origem escocesa, seu comportamento parece adequar-se aos princípios da espontaneidade e do amadorismo que os primeiros Jogos Olímpicos da modernidade costumavam exigir. Seu agenciamento maior é sua fé na doutrina cristã,¹⁹ na qual está imerso, responsabilizando-se pela sua difusão. Dessa forma, atenuam-se certos embates que ele mantém com autoridades britânicas. Inclusive, percebemos claramente os acordos feitos entre ele e tais autoridades para a providencial mudança do dia de sua prova de corrida, que antes seria a de 100 m e depois a de 400 m, do domingo para outro dia da semana. Com tal negociação, muda-se tanto

¹⁸ Como mencionamos acima, tratamos o conceito de *habitus* (sistematicamente grafado em itálico por Bourdieu), como a realidade acional de agentes sociais que estão submetidos a posições e disposições perante seu campo social, sendo que tais ações são exigidas (como uma segunda pele da pessoa) pela tradição hegemônica, mas que também sofrem a reação dos sujeitos ativados pelas razões práticas (BOURDIEU. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*).

¹⁹ Para acompanharmos outros filmes com temática semelhante, a de formações discursivas religiosas no campo dos esportes, utilizamos assystematicamente o instigante trabalho de Peter Dans: *Christians in the movies: a century of saints and sinners*, de 2009.

a duração do percurso quanto o dia das provas, para que não se afetem seus rituais religiosos.

O Escocês Voador insere-se, pois, na perspectiva do *habitus* da tradição britânica. É para ele, aliás, que a trilha sonora majestosa de Vangelis parece ser feita e é pragmaticamente usada nas sequências mais melodramáticas dessa diegese filmica. Bem ao contrário da trilha incidental e dos cortes dramáticos, e até trágicos, que são usados para o atleta judeu-britânico e seu treinador multinacional. Como mencionamos, a redenção de uma possível rebeldia/inadequação política advinda do atleta escocês é muito atenuada quando se sabe de sua morte na China, durante sua ação missionária em prol da doutrina de sua igreja.

Encerrando a observação do esquema de núcleos acionais e a constituição de rostidades/subjectividades centrais, temos que a dialética da individualidade liberal e a tentativa de se expressar certa cooperação multicultural é sintetizada pela presença de Lord Lindsay. Esse personagem parece representar a fleuma britânica em relação ao seu histórico e arbitrário *status quo*. Esse jovem e alegre atleta demonstra a avaliação que o filme parece nos transmitir; ou seja, a judicação de que comportamentos individualizados e excessivos não contribuem para o equilíbrio de poderes e desejos contraditórios. Do alto de sua “civilidade britânica”, ele seria capaz de compreender e de perdoar o que seria a *hybris* de Abrahams. Do alto de sua visão abrangente, ele seria também capaz de compreender os sacrifícios pessoais, familiares e cívicos de Liddell. No seu lugar social de poderes hegemônicos, esse jovem lorde permite-se ter o que seria aquela alegria genuína, espontânea e merecida quanto ao fato de poder participar de uma equipe olímpica, que na prática da corrida olímpica contenta-se estoicamente em levar a medalha de prata e em estar entre os melhores atletas do mundo, pois não precisa de nenhum desafio para legitimar sua condição social, bastando aquela convicção classista, pertinente ao seu nascimento em berço aristocrático inglês.

Paródia como autocrítica, legitimação e perpetuação do campo olímpico

Tratamos até aqui de certas consequências advindas do que seria a concretização da *hybris* do atleta Abrahams. No decorrer do filme, porém, percebemos que tal personagem também é envolto por situações

de espontânea alegria, mesmo que em quantidade reduzida. Na primeira sequência desse filme, como já observamos, vemos esse jovem em consonância relativa com a diversão de sua equipe olímpica. Apesar de sua restrição à quebra de regra no treino de cricket, ele possui grande abertura para a socialização em seu grupo de Cambridge. Isso talvez ocorra pela influência que o Hassidismo²⁰ exerce sobre ele. Para essa linha da cultura judaica, sabemos que a alegria e a sociabilidade, mesmo em contextos exógenos e arbitrários, é uma dinâmica de integração social basilar. Abertura para o desconhecido e certa compreensão de que as adversidades podem ser resolvidas, via razão prática, são elementos marcantes dessa filosofia de vida judaica, que acompanha alguns segmentos populacionais dessa cultura em contexto de diáspora.

Das formações discursivas que envolvem o personagem Abrahams, parece que esse comportamento hassídico lhe salva de sofrimentos psicossociais mais crônicos e/ou terminais. Com tal comportamento, o rapaz se envolve com uma atriz inglesa que o auxilia nas negociações multiculturais. Também fará sólidas amizades com colegas “genuinamente” britânicos de Cambridge. Por fim, também saberá, de modo relativo, adequar seus desejos e vontade de poder às relações de negociações variadas com a sociedade na qual imprime um *quantum* hercúleo de esforços para se integrar.

Também nesse quadro de integração multicultural, já voltando nossa atenção para nossa contemporaneidade, a sociedade britânica no decorrer dos séculos, mesmo no século XXI, com sua franca decadência imperial, tenta compreender e perseguir uma dinâmica de desarmamento de sua postura tradicional, solene e arrogante diante de suas estratégias de manutenção de poderes culturais, e consequentemente políticos. Isso demonstra suas tentativas sistemáticas de atualização de ações complexas para manutenção e preservação de seu *status quo* na aldeia global. Exemplo disso pudemos acompanhar em sua cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos de 2012, sediados em Londres.

²⁰ Acompanhamos essa corrente filosófica judaica, ou escola de vida e não apenas corrente religiosa, nos estudos de Guttman, *A filosofia do judaísmo: a história da filosofia judaica desde os tempos bíblicos até Franz Rosenzweig*, em Bogomoletz, *O Hassidismo como visão de mundo: os princípios básicos da ética hassídica*, e em Mucznik *et al.*, *Dicionário do judaísmo português*.

Nessa Olimpíada, acompanhamos os ingleses apresentando suas tradições culturais, políticas, sociais, entre outras, para um mundo altamente globalizado em sua dinâmica temporal, espacial e midiática. Vimos a Rainha Elizabeth II saltando de paraquedas no Estádio Olímpico, assessorada por um James Bond de olhar cínico, mas também maravilhado pela coragem da velha monarca. Também acompanhamos um momento singular: a execução do agora já considerado tema destes jogos internacionais, que é a música majestosa de Vangelis, usada como tema do filme *Carruagens de fogo*. A execução dessa canção merece reflexão mais acentuada no contexto desse nosso breve estudo.

Na cerimônia oficial,²¹ em dada altura, começamos a ouvir a solene música de Vangelis tocada por uma igualmente solene e vibrante orquestra, auxiliada por potentes instrumentais eletrônicos. Ficamos enlevados com a densidade artística e encorajadora da canção. Ficamos também surpresos quando vemos o surgimento de Mr. Bean (o comediante/ator Rowan Atkison) tomar conta do sintetizador, auxiliando os músicos na execução dessa canção, que já é tida quase de modo incontestado como hino olímpico contemporâneo. Mr. Bean, no entanto, não se comporta como o britânico fleumático que venera tradições. Rapidamente demonstra certo tédio e displicência na execução do tal hino. O tédio lhe traz o sono. O sono lhe traz o sonho. E o sonho, paródia²² instigante, é aquele no qual ele é um dos membros da equipe olímpica daqueles corredores do filme *Carruagens de fogo*.

Se no princípio do treino coletivo, do sonho de Mr. Bean, ele se porta de modo cooperativo com os demais membros da equipe de atletas corredores, logo em seguida ele se comporta explicitamente de modo atípico aos princípios do *fair play*. Desejando uma vitória individual, começa a sabotar explicitamente os esforços coletivos. Corre derrubando os colegas, tirando-lhes, pois, a possibilidade de um jogo

²¹ Cf. OLYMPIC CHANNEL. *The complete London 2012 – opening ceremony*.

²² Para o conceito de paródia, acompanhamos as reflexões de Linda Hutcheon, que nos encaminham para a discussão sobre textualidades dialógicas que se autocriticam, para obras que convocam o leitor para sua coautoria crítica e ativa. Para a pensadora, “[a] paródia é, pois, repetição, mas repetição que inclui diferença; é imitação com distância crítica, cuja ironia pode beneficiar e prejudicar ao mesmo tempo. Versões irônicas de ‘transcontextualização’ e inversão são os seus principais operadores formais, e o âmbito de *ethos* pragmático vai do ridículo desdenhoso à homenagem reverencial.” (HUTCHEON. *Uma teoria da paródia*, p. 54).

justo e respeitoso. Ao final, ganha a corrida na base da trapaça e acorda no palco da cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos de Londres. A plateia sorri de modo espontâneo, parecendo perdoar a impertinência da paródia que o Comitê Olímpico Internacional permitiu à direção artística do evento.

Dessa forma, percebemos como formações discursivas tradicionais vão ao encontro de posicionamentos relativamente liberalizantes para manterem-se na ordem do dia. A paródia, via descontração/desconstrução cômica, permite que nos olhemos nos espelhos de nossa autorreflexão para percebemos condutas hipócritas e, talvez, nos corrigirmos quanto aos equívocos de percurso. Ou então, em perspectiva um tanto cética, recebemos mais uma mensagem política britânica para percebermos que certos comportamentos sequer foram equívocos de percurso na produção de tradições de um povo, supostamente aberto a contribuições de culturas diferentes, sem o pejo da exclusão.

Considerações finais

Ao final de *Carruagens de fogo*, sabemos que Abrahams ganhará a medalha de ouro na corrida de 400 m, casar-se-á com a sensata atriz inglesa e temperará com ponderação as suas estratégias de inserção político-cultural na sociedade britânica. Liddell ganhará sua medalha de ouro na corrida de 100 m, entregará essa vitória ao seu povo escocês, partirá para sua missão de catequese na China, onde morrerá prematuramente, e será lembrado por gerações e gerações. Lorde Lindsay se consolidará como o porta-voz da suposta tradição britânica contemporânea, no campo dos esportes e da ética britânica quanto aos princípios de tolerância multicultural nos Jogos Olímpicos e no cotidiano de tal sociedade.

A esse último personagem, e ao seu lugar psicossocial, é que parece ser dirigido o poema de William Blake,²³ no qual se fala das dádivas que o deus de certa religião envia ao povo britânico.

²³ O título do filme aqui analisado é retirado de um verso do poema “Jerusalém”, de William Blake. Poema famoso por representar um dos mecanismos de unificação britânica, no plano religioso do Cristianismo. Eis a estrofe específica: “Tragam-me o arco dourado / Tragam-me as flechas do desejo / Tragam a lança entre as nuvens / Tragam o carro flamejante.” (BLAKE. *Jerusalém.*).

Voltemos, para encerrar este breve estudo, à pergunta inicial que consta em nosso título e nas partes mais decisivas de nosso filme: “Então, de onde vem a força que os faz continuar correndo?” Quanto a essa pergunta, não acreditamos que apenas *Isaías*: 40, formação discursiva bíblica usada na célula acional do pastor Escocês Voador, dê conta das explicações para o sucesso consolidado de uns e o sucesso relativizado de outros. Sequer acreditamos que o poema/oração de Blake dê conta das repostas aos complexos privilégios que a sociedade britânica conseguiu em relação ao acúmulo de capitais de variadas naturezas. Ficamos mais com as palavras dos dois dirigentes de Cambridge, o Master de Trinity e o Master de Caius, que ao saberem das vitórias de Abrahams, de Liddell e de Lorde Lindsay, avaliam cinicamente o caso, assegurando que: “Para deuses diferentes, virtudes diferentes”,²⁴ e que o mais importante, portanto, é o fato de tantas medalhas olímpicas ficarem em solo britânico.

Por fim, dessa forma, acompanhamos as estratégias político-culturais, dispostas em um fenômeno artístico, um filme de grande apelo mundial e com premiações internacionais legitimadoras de suas formações discursivas, que objetivam a atualização, consolidação e divulgação de um rol de valores, de crenças e de comportamentos pertinentes ao que seriam os móveis da ética olímpica moderna e contemporânea. De acordo com nossas hipóteses de leitura, percebemos como tal diegese apresenta, mesmo que de modo não intencional, elementos para configurarmos negociações tensionadas entre a tradição conservadora, e relativamente excludente, e nossos anseios por uma democracia multicultural que nossos encontros agônicos multiculturais nos instigam.

Refletimos aqui sobre as engenharias políticas e culturais, historicamente arbitrárias, que envolvem a construção de um dos fenômenos mais salutaros dos Jogos Olímpicos, que é o fenômeno do *fair play*. Tal construção cultural reflete tanto as posturas excludentes quanto as includentes dos países que conformam suas equipes olímpicas que, não raramente, rompem as fronteiras dos nacionalismos conservadores. Observando e desconstruindo tais contextos, somos capazes de deslocar nosso *habitus*, para assegurarmos verdadeiros pontos de partida igualitários para todos os atletas envolvidos nestas cenas esportivas transnacionais, bem como para as plateias globais que os assistem.

²⁴ CHARRIOTS of fire / Carruagens de fogo.

Referências

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Ática, 1989.

BLAKE, William. *Jerusalém*. Tradução de Saulo Alencastre. São Paulo: Hedra, 2010.

BOGOMOLETZ, Davy. *O Hassidismo como visão de mundo: os princípios básicos da ética hassídica*. *Judaísmo Humanista*, 18 maio 2010. In: <<http://judaismohumanista.ning.com/forum/topics/o-hassidismo-como-visao-de>>. Acesso em: 20 jun. 2016.

BOURDIEU, Pierre. Programa para uma sociologia do esporte. In: _____. *Coisas ditas*. Tradução de Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim. São Paulo: Brasiliense, 2004. p. 207-220.

BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Tradução de Mariza Corrêa. Campinas: Papyrus, 1996.

CHARRIOTS of fire / Carruagens de fogo. Direção: Hugh Hudson. Produção: David Puttnam. Roteiro: Colin Welland. Inglaterra: Enigma Productions, 1981. 1 CD-Rom (123m), drama, color.

COUBERTIN, Pierre. *Olímpicos – seleção de textos*. Tradução de Luiz Carlos Bombassaro. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016.

DANS, Peter E. *Christians in the movies: a century of saints and sinners*. Lanham: Rowman and Littlefield, 2009.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Ano zero: rostidade. In: _____. *Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia*. Tradução de Aurélio Guerra Neto et al. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996. p. 28-57.

GUINSBURG, Jacó. (Org.). *O judeu e a modernidade: súmula do pensamento judeu*. São Paulo: Perspectiva, 1970.

GUTTMANN, Julius. *A filosofia do judaísmo: a história da filosofia judaica desde os tempos bíblicos até Franz Rosenzweig*. Tradução de Jacó Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2003.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Tradução de Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2001.

HOBSBAWM, Eric J. A invenção das tradições. In: HOBSBAWM, Eric J.; RANGER, Terence (Org.). *A invenção das tradições*. Tradução de Celina Cardim de Cavalcante. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. p. 9-24.

HUTCHEON, Linda. *Uma teoria da paródia*. Lisboa: Edições 70, 1989.

MUCZNIK, Lúcia Liba *et al.* (Coord.). *Dicionário do judaísmo português*. Lisboa: Editorial Presença, 2009.

OLYMPIC CHANNEL. *The complete London 2012 – opening ceremony*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4As0e4de-rI>>. Acesso em: 10 ago. 2016.

VANOYE, Francis; GOLIOT-LÉTÉ, Anne. *Ensaio sobre a análise filmica*. Tradução de Marina Appenzeller. Campinas: Papirus, 1994.

VON MEIEN, Joachim. *The multiculturalism vs. integration debate in Great Britain*. Munich: GRIN Verlag, 2006.